

# O SIGNO LINGUÍSTICO E AS MODALIDADES LÓGICAS ARISTOTÉLICAS

## EL SIGNO LINGUÍSTICO Y LAS MODALIDADES LÓGICAS ARISTOTÉLICAS

### THE LINGUISTIC SIGN AND ARISTOTLE'S LOGIC MODALITIES

**Fabio Elias Verdiani Tfouni\***

Universidade Federal de Sergipe – UFS, Itabaiana, BR

**RESUMO:** O presente trabalho, que realiza uma análise epistemológica e lógica do estatuto do signo linguístico em Saussure e em Benveniste, faz parte de um projeto maior, cujo objetivo é o de verificar a possibilidade do fechamento do quadrado das modalidades lógicas aristotélicas (possível, impossível, necessário e contingente), utilizando-as no tratamento do signo linguístico. Para Saussure, o signo é arbitrário. Benveniste propõe o signo como necessário e rejeita o contingente, rejeição que inclui esse modalizador na discussão. Apontamos que o arbitrário de Saussure pode ser modalizado pelo possível, pelo contingente e pelo impossível, ressaltando o caráter contingente do signo. No final, observamos argumentos em favor da hipótese de que essa não é a única concepção do signo em Saussure.

**PALAVRAS-CHAVE:** assinar; arbitrária; necessário; impossível; modalidade.

**RESUMEN:** Este trabajo, que realiza un análisis epistemológico y lógico del signo lingüístico y su estatuto en Saussure y Benveniste, es parte de un proyecto más amplio, cuyo objetivo es verificar la posibilidad de cierre del cuadrado de las modalidades lógicas aristotélicas (posible, imposible, necesario y contingente), usandolas en el tratamiento del signo lingüístico. Para Saussure, el signo es arbitrario. Benveniste propone que el signo sea necesario y rechaza el contingente, rechazo que incluye este modalizador en la discusión. Señalamos que el arbitrario de Saussure puede ser modalizado por el posible, el contingente y el imposible, destacando el carácter contingente del signo. Al final, ponemos argumentos en favor de la hipótesis de que esta no es la única concepción del signo en Saussure.

**PALABRAS CLAVE:** firmar; arbitraria; necesario; imposible; modalidad.

**ABSTRACT:** This work, which performs an epistemological and logic analysis of the linguistic sign and its status in Saussure and Benveniste, is part of a larger project, whose goal is to verify the possibility of closing Aristotle's logic modalities square (possible, impossible, necessary and contingent), using these modalities to discuss the linguistic sign. For Saussure, the sign is arbitrary. Benveniste proposes the sign as necessary and rejects the contingent, rejection which inserts this modality into the discussion. We point out that the Saussure's arbitrary can be modalized by the possible, by contingent, and by impossible, highlighting the contingent character of the sign. In the end, we add arguments in favor of the hypothesis that this is not the only conception of sign in Saussure.

**KEYWORDS:** sign; arbitrary; necessary; impossible; modality.

## 1 INTRODUÇÃO

Un coup de dés jamais n'abolira le hasard.

(Mallarmé)

O objetivo do presente artigo é tratar a questão do estatuto do signo linguístico. Nossa discussão parte de Saussure (não exclusiva, mas principalmente, o estatuto arbitrário do signo), como aparece no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1994).

Este trabalho faz parte de um projeto maior (TFOUNI, 2008) que aborda o signo em Saussure e em linguistas posteriores, cujo objetivo mais amplo é realizar um tratamento modal do signo, de modo a fechar o quadrado lógico das modalidades aléticas aristotélicas (o possível, o impossível, o necessário, e o contingente) e também tentar sustentar que o signo pode ser concebido a partir dessas quatro modalidades. A leitura do signo como tendo uma relação com o impossível se faz por uma leitura da Linguística com um viés da Psicanálise Lacaniana. Podemos encontrar, em linguistas influenciados por Lacan (como MILNER,

---

\* Doutor em Letras pela UNESP. Email: [fabiotfouni@hotmail.com](mailto:fabiotfouni@hotmail.com).

1987), a relação do impossível com a língua. Sumariamente, podemos dizer que o impossível entra aqui a partir da máxima lacaniana segundo a qual “tudo não se diz” (MILNER, 1987).

No presente trabalho, fazemos uma leitura do arbitrário do signo como modalizado pelo possível e pelo contingente e realizamos um cotejamento do signo saussuriano (SAUSSURE, 1994) com a proposta de Benveniste (1991) que rejeita o contingente (saussuriano) e formula o signo como necessário. O centro da presente discussão se fixa nas colocações de Saussure e Benveniste sobre o signo, embora posições de outros autores estejam presentes.

A modalidade do impossível comparece na medida em que a falta é inerente à linguagem, o que significa dizer que a linguagem não pode dizer tudo e que parte dela deve permanecer não dita para que o próprio corpo da linguagem exista. Então a linguagem não cobre o real como um todo.

Por isso fazemos a hipótese de que o há uma relação entre o interdito e o arbitrário do signo. A linguagem não é feita do “tudo dizer”, mas sim do meio dizer, do dizer-nomeio, do inter-dito. Se fosse possível dizer tudo a primeira enunciação esgotaria o reino dos sentidos de modo que o “tudo dizer” seria a morte da enunciação, convertendo-se então no “nada dizer”. Para nós é preciso a intervenção de um corte que, impedindo que se diga tudo, permite que se diga alguma coisa.

Apontamos também que esta não é a única concepção de signo em Saussure, já que o conceito de valor aponta para uma relativização do contingente (o conceito de relativamente motivado) e até para uma concepção do signo como necessário.

## 2 DISCUSSÃO

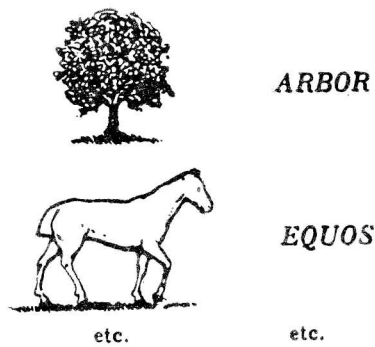
Pretendemos concentrar nossa discussão no fundamento do discurso da obra saussuriana, que, nesse momento, lemos como sendo o signo e seu arbitrário. No signo, temos duas partes discretizadas: o significante (Se) e o significado (So).

Saussure (1994) afirma que a relação entre Se e So é arbitrária, pois não existe uma ligação intrínseca entre Se e So, já que não há nada em sua natureza que faça um termo ter ligação essencial com o outro. O corte saussuriano interdita que o signo linguístico seja tratado como uma nomenclatura ou como se o signo fosse uma “palavra” que se ligasse a um objeto do mundo. É essa libertação do signo em relação à coisa do mundo que permite que o signo seja arbitrário. Então, podemos dizer que, em termos de modalidade, o abandono da hipótese naturalista da linguagem significa o abandono de uma tese que concebe o signo como *necessário* para outra leitura que abre o signo para outras modalidades, já que a relação entre significado e significante não é mais essencial ou necessária.

O corte saussuriano interdita que o signo linguístico seja tratado como uma nomenclatura, ou como se o signo fosse uma “palavra” que se ligasse a um objeto do mundo. Uma leitura do impossível (do interdito) do corte saussuriano seria, portanto, a de que esse corte interdita no discurso da ciência da linguagem a ligação direta entre palavra e objeto.


Nossos comentários acima tomam as relações palavra-mundo e Se-So como equivalentes. Para nós, trata-se em parte de uma confusão presente no próprio Curso, como afirmam Gadet (1990) e Normand (2006). De fato, Saussure exclui o mundo da relação Se-So e no gesto seguinte o recoloca de onde foi excluído. Essa confusão é parte do que permitiu que Benveniste tecesse suas críticas ao Curso. Vejamos Saussure:

Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. Por exemplo:



Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe idéias completamente feitas, preexistentes às palavras; ela não nos diz se a palavra é de natureza vocal ou psíquica [...] por fim, ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade. (SAUSSURE, 1994, p. 79).

O Curso de Linguística Geral possui uma expressão confusa sobre seus conceitos centrais, o que permite leituras de vários tipos, inclusive leituras enganosas sobre o arbitrário do signo. Um erro seria o do linguista iniciante (somente do iniciante?), que pode ler ali o retorno à nomenclatura, embora esta esteja definitivamente fora dos planos de Saussure. Sobre essa questão do signo, mais precisamente sobre o retorno à nomenclatura, Gadet (1990, p.35-36) comenta o exemplo saussuriano do signo “arbor” e o de boef/ochs:

Mais cette representation est fort maladroite, car une zone de réel delimitée a quoi va etre attribué le signifiant arbor, et d'autre part (cote signifiant) qu'il existe un signifiant que l'on va attribuer au signifié . Ce serait revenir, a travers un detour à la nomenclature. Or, d'autres enonces du CLG montrent que ce n'est pas là l'essentiel de la conception saussurienne. (GADET, 1990, p. 35-36).

Saussure avança sobre o conceito de arbitrário, afirmando que a arbitrariedade está relacionada ao caráter imotivado do signo. Afirma o autor: “queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (SAUSSURE, 1994, p. 83). Aqui significado e coisa do mundo são colocados juntos, permitindo que se leia coisa do mundo como equivalente de significado. Para nós, é a isso que Gadet se refere em seu comentário acima.

Temos então duas relações: a relação palavra-mundo e a relação significante-significado. A posição convencionalista de Saussure interdita qualquer relação essencial da palavra com o mundo. Portanto interdita o uso da modalidade do necessário para descrever essa relação. Isso indicaria uma abertura ao arbitrário e às leituras modais que dele decorram.

No entanto, o signo é uma unidade feita de Se e So. Então, para nós, a questão do arbitrário deve ser tratada a partir da relação interna ao signo (Se e So) e não com foco na relação palavra-coisa, na medida em que Saussure desejava excluir a coisa do mundo. Milner (1987) indica que tanto a relação palavra-coisa como a relação Se/So é arbitrária (ver discussão adiante).

O que Saussure está indicando no CLG provavelmente pode ser lido como uma afirmação de que a relação intra-sígnica (ou o signo mesmo) poderia sempre ser outra: o termo árvore poderia não estar ligado ao significado de árvore, mas a outro, como, por exemplo, o significado de “cavalo”. Então, antes da formação do signo teríamos diversas (infinitas?) possibilidades de ligação entre Se e So, o que indica que o arbitrário saussuriano pode ser lido como modalizado pelo *possível*. Este aspecto constitutivo do signo é próprio do conceito saussuriano de arbitrário significa que o signo deve ser lido também como *contingente*, na medida em que o contingente é aquilo que pode ser ou que pode não ser e que não tem fundamento, ou é ou não é: não tem história nem motivo nem razão. Estamos lidando aqui com o conceito de signo em abstrato e não enquanto unidade de uma língua particular. Quando lidamos com uma língua, o valor também restringe as possibilidades. Ressaltamos que nossa leitura se concentra mais no capítulo do Curso sobre o signo linguístico e menos no capítulo sobre o valor.

O recurso ao jogo de dados, tal como proposto por Milner (1996), pode fornecer uma visão lógica sobre o caráter contingente do signo, pois o resultado de um lance de dados configura o arbitrário que não tem sentido nem razão e o signo seria puro fruto de acaso ou de um *hazard*. O jogo de dados demonstra as condições dessa fixação de um significante a um significado e pode ser tratado de uma forma que inclua o impossível, que inclua uma regra. Não fazemos recurso ao externo, ao jogo, à história, ou ao sujeito lançador dos dados, já que esse tratamento do signo, da linguagem e da língua é estrutural e, por isso, segue o princípio estruturalista da negação da história, deixando de fora, como faz o CLG, o que não faz parte do sistema. O jogo é apenas um lançar de dados que fixa o significante no significado. Sobre o jogo, afirma Milner:

Na vertigem desses possíveis mutuamente exclusivos, espoca enfim, no momento ulterior em que os dados caem, o *flash* do impossível: impossível, uma vez caídos, que eles tenham outro número sobre sua face lisível. De onde se vê que o impossível não está disjunto da contingência, mas dela constitui o núcleo real. (MILNER, 1996, p.52).

Depois de lançados os dados, o resultado contingente X se torna impossível na medida em que não é possível que o resultado não seja X. Podem-se relançar os dados, mas um relançamento não apaga o lance anterior. É isso que significa dizer que o contingente e o impossível formam juntos os dois lados do real.

Na metáfora do lance de dados vemos a possibilidade de pensar as quatro modalidades (possível, impossível, necessário e contingente). O arbitrário saussuriano consiste na possibilidade (ou potencialidade) de qualquer significante representar qualquer significado sem prejuízo para um ou para outro. Isto remete a uma leitura do signo como o puro contingente na queda dos dados. Antes da queda, antes da fixação de um significado a um significante, temos um conjunto de “possíveis mutuamente exclusivos” como afirma o autor acima, de modo que, quando o resultado do lance é o lado X, excluem-se automaticamente os outros lados. Convém reafirmar que não estamos levando em conta a história, valor ou uma língua, mas apenas o signo em abstrato.

Portanto, quando os dados caem, é *impossível* que o resultado seja outro e também é impossível que o resultado não seja aquele. O contingente do lance de dados passa a exprimir o impossível, no sentido de que, depois de lançados os dados, não é possível que o resultado não seja aquele, nesse momento o impossível se converteria em *necessário*.

Para nós, nesta altura do texto, a modalidade do contingente explica melhor o signo que a do possível, pois, se, como já dissemos, o contingente é aquilo que *pode ser* ou que *pode não ser*, não podemos deixar de fazer referência ao contingente sem fazer referência ao possível. Entretanto, o possível aqui não é o “tudo é possível”, pois o contingente abriga em si a atualização de um possível e a exclusão dos outros possíveis. Por isso é que o contingente é a modalidade lógica que corresponde aos “possíveis mutuamente exclusivos”. A exclusão dos outros possíveis os torna impossíveis. Em função disto, essas três modalidades (possível, impossível e contingente) devem ser tratadas em conjunto.

Tomemos então a concepção saussuriana de que o signo é arbitrário e imotivado. Uma leitura radical dessa posição deve afirmar que o signo não tem motivação alguma, que ele não é um produto de alguma razão ou intenção. O signo é um puro acaso sem motivo e sem história (a história seria um motivo), puro resultado de um lance de dados.

Sempre buscamos uma razão para a existência, mas a existência não se explica: é puro contingente. Por isso, as perguntas Por que existe o universo? Qual o sentido da existência? E por que existe a linguagem? são questões que não se colocam. O que existe simplesmente existe ou não existe.

[...] a abóboda dos céus não mais existe, e o conjunto dos corpos celestes [...] apresenta-se como que podendo também lá não estar – sua realidade é essencialmente marcada [...] por um caráter de facticidade; são fundamentalmente contingentes. (LACAN apud MILNER, 1996, p. 51).

A citação acima aponta para o fato de que, na ciência moderna, o universo é concebido como tendo uma existência contingente sem explicação: existe porque existe. O mesmo podemos dizer da língua (e da linguagem): existe porque existe.

Neste contexto, trazemos o comentário de Saussure sobre o mistério da existência do signo. Mistério relativo ao recorte de sua massa amorfa. Como a massa amorfa é recortada a fim de existirem as divisões na língua? Essas divisões são justamente os significantes e os significados tornados discretos e distintos, movimento no qual deixam de fazer parte da massa amorfa e indistinta. É assim que lemos o trecho abaixo:

Não há, pois, nem materialização do pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se antes do fato **de certo modo misterioso**, de o 'pensamento-som' implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. (SAUSSURE, 1994, p. 131, grifo nosso).

A explicação acima, então, corresponderia a afirmar que o recorte do *continuum* da massa amorfa se faz de modo totalmente contingente, sem nenhuma necessidade que se expresse como história, sentido ou motivação. O mistério de Saussure é um falso mistério, pois, uma vez que o signo é arbitrário e imotivado (como propõe o próprio Saussure), não há razão para que ele seja como é ou para que não seja como é. É nesse sentido que afirmamos que a fixação de um significante a um significado pode ser concebida através de um lance de dados, do puro acaso, do *hazard*.

Por isso, “Existe Língua” ou “existe signo” seriam proposições primitivas (MILNER, 1996) o que implica que a questão “O que é o signo antes que ele seja signo?” não pode ser colocada em linguística, a não ser como na massa amorfa saussuriana.

O arbitrário recobre de maneira perfeitamente ajustada uma questão que não será colocada: o que é o signo quando ele não é signo? O que é a língua, antes que ela seja a língua? – ou seja, a questão que se expressa correntemente em termos de origem. Dizer que o signo é arbitrário é afirmar em tese primitiva: Há língua. (MILNER, 1987, p. 38).

O que existe não se explica, simplesmente existe (é um puro fato). O signo é, então, resultado de um puro acaso, um puro *encontro* fortuito e sem sentido, sem história, sem razão e sem motivo. Assim, sabe-se

[...] que existem duas ordens, a dos signos e a das coisas, nada da primeira podendo agir sobre a segunda e vice-versa. De onde se segue que entre o signo e a coisa significada, a relação é de simples **encontro**. (MILNER, 1987, p. 37, grifo nosso).

Neste ponto, vale retomar o que afirmamos antes: existe a questão da relação entre o signo e a natureza (ou a coisa do mundo) e existe a questão da relação entre significado e significante. A confusão que se faz entre essas duas questões (e que permitiria uma leitura nomenclaturista de Saussure) está em o leitor tomar o significado como coisa do mundo.

Ciente desse ardil, Milner não resume o caráter de encontro apenas à relação palavra-coisa. Ele prossegue a citação acima afirmando que a relação entre significante e significado é a arbitrária (para nós, arbitrário aqui significa acaso):

Mas é preciso ir mais longe: o som, também ele pertence como tal à ordem das coisas, e da mesma forma a idéia ou significado, de sorte que, seguindo o dualismo, a ligação que os une enquanto coisas não pode ter nada em comum com a ligação que os une enquanto faces de um signo: nenhuma causa revelando da primeira pode operar sobre a segunda. Assim o arbitrário não governa somente a relação da coisa significada ao signo, mas também a relação do significante ao significado – contrariamente ao que Benveniste assevera<sup>1</sup> num artigo célebre. (MILNER, 1987, p. 37).

E Milner prossegue reafirmando o arbitrário como encontro: “O arbitrário, neste sentido, só faz nomear o encontro: o que Lacan nomeia melhor contingência e também o que Mallarmé nomeava acaso” (MILNER, 1987, p. 37). O arbitrário lido como encontro permite entender que não haja motivo nem razão para o signo ser o que é. Daí que Saussure modaliza o arbitrário em *imotivado*. Trata-se de um puro acaso sem sentido.

Que tal som remeta a tal sentido, que tal signo remeta a tal coisa, é, no presente pensado como puro encontro: porque é assim e não diferente, o arbitrário diz que não se tem de saber. Mais exatamente, o arbitrário do signo equivale a afirmar que ele não sabe ser pensado diferente do que ele é, já que não há razão para que ele seja como é. (MILNER, p.38).

<sup>1</sup> Vamos abordar os comentários de Benveniste mais adiante.

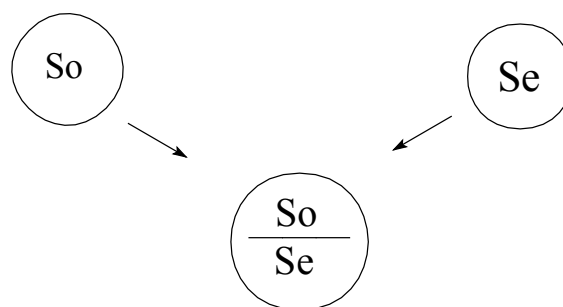
Para irmos adiante na abordagem do contingente, tomaremos o trabalho “*A corrente subterrânea do materialismo do encontro*” de Althusser (2005). Sucintamente, podemos dizer que dele tomaremos a discussão de Althusser sobre a chuva de átomos de Epicuro.

Para nós, a discussão de Althusser aponta que o mundo é fruto de um **encontro contingente** e sem sentido, como os átomos de Epicuro, que podem se encontrar ou não. Por isso, nesse raciocínio, não há sentido para a vida, para o mundo ou para qualquer existência, seja ele atribuído a um deus, a uma história ou a uma razão. Também não existe nenhuma teleologia, nenhuma origem ou fim. Trata-se, portanto, de uma fonte sobre a qual realizamos uma analogia do signo com a formação do mundo resultante dessa chuva de átomos, que se faz através da substituição do *átomo* pelo *signo* (ou pelas partes do signo). Sobre a chuva de átomos, afirma Althusser:

Epicuro nos explica que antes da formação do mundo, uma infinidade de átomos caíam, paralelamente, no vazio. O que implica que antes do mundo não havia nada e, ao mesmo tempo, que todos os elementos do mundo existiam desde toda a eternidade antes da existência de algum mundo. O que implica também que, antes da formação do mundo, não existia *nenhum sentido* nem Causa, nem Fim, nem razão nem desrazão. A não anterioridade do sentido é uma das teses fundamentais de Epicuro [...] O *clinamen*, é um desvio infinitesimal, ‘tão pequeno quanto possível’ que acontece ‘não se sabe onde, nem quando, nem como’, e que faz um átomo ‘desviar’ de sua queda a pique no vazio e, quebrando de maneira quase nula o paralelismo em um ponto, provoca *um encontro* com o átomo vizinho e, de encontro em encontro, uma carambola [*carambolage*] e o nascimento de um mundo, ou seja, de um agregado de átomos que provoca, em cadeia, o primeiro desvio e o primeiro encontro. (ALTHUSSER, 2005, p.10).

Fazendo uma analogia com a linguagem, diremos que um encontro puramente contingente faz com que o significante “árvore” seja atribuído ao conceito “árvore”, mas poderia muito bem ter sido atribuído a (ter se **encontrado** com) outro significado, o que não faz diferença, por isso o signo é arbitrário e imotivado. Ora, adotando este princípio, e apenas este princípio, podemos dizer que a língua, seus elementos e sua ordem podem não ter motivo, razão ou sentido nenhum. É isso que significa ler o arbitrário do signo por uma abordagem materialista do encontro. Este encontro é puramente contingente e sem sentido: é um absurdo. O esquema abaixo representa o choque contingente de um significante com um significado para formar o signo. É o que vemos na figura 1:

Figura 1



Para Althusser, este encontro precisa durar para que um mundo se instaure. Então, haveria aí a consideração do tempo e da história. Ou seja: é possível afirmar que o encontro é aleatório, porém, para que haja língua e não signo em abstrato, é preciso que o encontro dure.

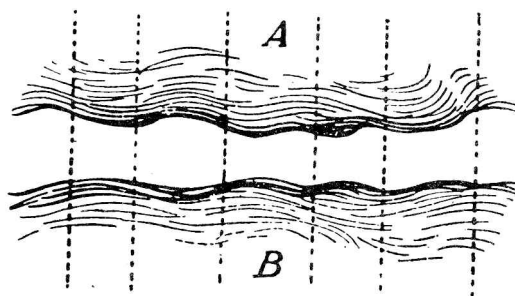
Seguindo o pensamento epicurista, diríamos que, a partir do primeiro encontro entre átomos (ou signos, ou Significantes e Significados), inicia-se uma dinâmica na qual, de encontro em encontro, vai-se formando a estrutura, a carambola da língua, que é o sistema saussuriano, o que sugere que do contingente se vai à necessidade. Isto é: o primeiro encontro tem suas consequências que podem muito bem ser aleatórias, mas também devem passar a ser necessárias ou no mínimo relativamente motivadas. Se não for assim, não existe língua.

Assim, podemos afirmar que o primeiro arbitrário leva ao arbitrário relativo, ou ao relativamente arbitrário, que significa que as unidades da carambola linguística não são puramente imotivadas, mas podem ser

relativamente motivadas<sup>2</sup>, ou seja: motivadas em grau relativo (ou motivadas pelas relações de umas com as outras). Depois do primeiro encontro, os outros passam a ser motivados pelo primeiro. Esta motivação relativa poderia ser uma leitura da teoria saussuriana sobre o valor do signo, no sentido das relações que um signo estabelece com outro. O arbitrário relativo e o valor indicam que, dentro de um sistema, um signo não é arbitrário nem imotivado (contingente), mas necessário.

Podemos pensar em uma relação entre o esquema acima (Fig. 1) e o esquema das massas amorfas de Saussure (Fig. 2), que é:

Figura 2



Fonte: Saussure (1994).

Nossa leitura é a de que se trata aí de um encontro entre uma porção qualquer da nuvem dos sons com uma porção qualquer da nuvem das ideias. Deste encontro, surge o signo. Segundo Saussure, temos duas massas amorfas e a escolha que une uma à outra é completamente arbitrária. Para nós, trata-se de um encontro que se dá por acaso.

Essas considerações fazem compreender melhor o que foi dito à p. 81 s. sobre o arbitrário do signo. Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos como a escolha que se decide por tal porção acústica para tal idéia é perfeitamente arbitrária. Se não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a idéia e o som é radicalmente arbitrário. (SAUSSURE, 1994, p. 132)

Benveniste critica o trecho acima de Saussure e afirma que se trata, sim, de um elemento vindo de fora. Afirma que Saussure fala sempre em excluir esse elemento de fora (a coisa do mundo), mas que ele está sempre presente em sua formulação do signo. Então, apenas a relação entre palavra e coisa seria arbitrária.

Notamos que é fazendo este movimento que Benveniste abre espaço para propor a relação entre significante e significado como necessária. Em outras palavras: Benveniste se baseia na confusão entre a relação palavra-coisa e a relação significante-significado para refutar o arbitrário de Saussure e, com ele, o contingente. Benveniste afirma que o arbitrário refere-se apenas à relação palavra-coisa, o que lhe permite formular outro estatuto (de necessário) para a relação significante-significado. Benveniste faz isso ao comentar os exemplos *soeur* (irmã) e *b-ö-f/o-k-s* (boi) tomados de Saussure:

Saussure cansou-se de dizer que a idéia de ~~soeur~~ *soeur* não está ligada ao significante *s-ö-r*, porém não pensa menos na realidade da noção. Quando fala da diferença entre *b-ö-f* e *o-k-s*, refere-se, contra a vontade, ao fato de que esses dois termos se aplicam à mesma realidade. Eis aí, pois, a coisa, a princípio expressamente excluída da definição do signo, e que se nela se introduz por um desvio e aí instala para sempre a contradição. (BENVENISTE, 1991, p.54).

Notamos acima Benveniste dizer que, tanto no exemplo de irmã como no exemplo de boi, não se trata do significado, mas da realidade (objeto do mundo) tomando o lugar do significado no raciocínio saussuriano. Então, Benveniste passa a argumentar que é apenas com relação à realidade (coisa do mundo) que é possível

<sup>2</sup> Gadet (1990) afirma que a exposição teórica do relativamente motivado não está muito desenvolvida no Curso, mas que os exemplos a respeito são bastante claros: por exemplo, a autora comenta que o termo “vingt” em francês é imotivado, mas que “dix-neuf” não é imotivado no mesmo grau, pois este termo é composto (e por isso motivado) pelos termos “dix” e pelo termo “neuf”.

falar em arbitrário e contingente, para construir a argumentação de que a relação entre significante e significado é necessária.

Vemos agora, e podemos delimitar, a zona do ‘arbitrário’. O que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento na realidade, mas não a outro. Nesse sentido, e somente nesse sentido é permitido falar de contingência. (BENVENISTE, 1991, p. 56).

Benveniste vê no signo, tal como formulado por Saussure, o *contingente puro*, talvez um contingente resultado de um lance de dados sem regras (no jogo sem regras “tudo é possível”). Benveniste não aceita a formulação saussuriana do signo como arbitrário e afirma que a causa da formulação do arbitrário como puro contingente seria o “relativismo exagerado” do genebrino, fruto de seu pensamento comparatista:

Semelhante anomalia no raciocínio tão cerrado de Saussure não me parece imputável a um afrouxamento da sua atenção crítica. Eu veria antes, aí, um traço distintivo do pensamento relativista e histórico do fim do século XIX. [...] Da universal dessemelhança, chega-se à universal contingência. (BENVENISTE, 1991, p. 55, grifo nosso).

Benveniste não aceita o signo como contingente e propõe que o signo é necessário. O signo como necessário seria uma resposta de Benveniste a uma questão incômoda não apenas para Benveniste, mas para as ciências em geral, que é a questão da regra ou da ausência de regra. O puro contingente sem sentido é inaceitável: “Alguma coisa de mais profundo devia preocupar Benveniste na questão do ‘arbitrário’ [...] ousemos lançar a hipótese (pois ele nunca o declarou) de que o que o incomodava era a contingência.” (NORMAND, 2006, p. 18).

Normand continua sua dedicação à questão, quando comenta que o incômodo do contingente puro (para Benveniste) devia ser em parte fruto de uma possibilidade de lermos o arbitrário como um jogo de dados. Comenta a autora: “Da mesma forma que não se pode desconfiar que o Deus de Einstein não jogue dados, o signo não pode e nem deve ser inteiramente desligado de seu fundamento.” (NORMAND, 2006, p. 18-9). No entanto, é disso mesmo que se trata: a metáfora comumente usada para o contingente é a do lance de dados.

A leitura mais comum do signo é a do arbitrário. De fato, o signo é arbitrário, porém a compreensão do signo em Saussure só se dá cotejando o arbitrário com a teoria do valor. O valor de um signo está relacionado ao seu papel na “totalidade solidária” da língua e, segundo Saussure, é dela que devemos partir para compreender o signo (os elementos da língua). O problema em permanecer no arbitrário seria de imaginar que partir do signo isolado é a melhor maneira para compreender tanto a língua como o signo:

Defini-lo assim [...] seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 1994, p. 132).

Afirmar que os valores são relativos é dizer que um signo guarda relações com outros dentro de um dado sistema. Se um signo é definido como negativo, se ele é no sistema aquilo que os outros não são, é porque um está em contraste necessário com o outro, o que significa que as relações dos signos uns com os outros num sistema são necessárias ao menos em parte.

Daí, dizermos que os valores são ‘relativos’ significa que são relativos uns aos outros. Ora, não está aí justamente a prova da sua *necessidade*? Trata-se, aqui, do signo não mais signo isolado mas da língua como sistema de signos [...]. (BENVENISTE, 1991, p.59).

Retornando ao exemplo de Epicuro e à metáfora da massa amorfa, diremos que o valor do signo se relaciona ao fato de que o encontro entre as duas ordens precisa durar. Este encontro duradouro dá-se no sistema da língua. A língua enquanto sistema possui valores que não se pode negar. Nisto reside o estatuto de necessário, que pode ser atribuído ao signo no sistema. Ou seja: nossa hipótese, a ser mais bem estudada, é que se trata do real da língua. Em português, por exemplo, o encontro duradouro faz com que o significante “árvore” corresponda ao “significado de árvore” e isso não pode ser negado. Então é impossível que árvore não signifique árvore dentro do português (mesmo que outros sentidos se agreguem a esse significante). Vemos aqui o conceito de valor encontrar-se com o de real da língua: o real da língua é seu núcleo duro que não pode se modificar. Trata-se daquilo que “não pode não ser assim” (PÊCHEUX, 1990), aquilo que não



pode ser de outro modo, visto que se constitui do impossível e do contingente, evidenciando que, ao mesmo tempo, não se pode dizer tudo, e existe equívoco.

Dentro de uma visão abstrata e formal como a de Saussure essa duração se realiza supondo que a percepção de um termo como “árvore” é a mesma em todo tempo e lugar. Isso implica excluir embates ideológicos e uma visão materialista na qual a história intervém.

Mesmo realizando uma leitura de Saussure, como pesquisador filiado à análise do discurso, não posso me furtar a incluir a crítica de Pêcheux a essa concepção abstrata: Pêcheux dirá que “o real da língua não tem suas bordas suturadas, como uma língua lógica: ele é atravessado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do chiste e das séries associativas que o desorganizam/ desestratificam sem apagá-lo” (PÊCHEUX, 1990, p. 51).

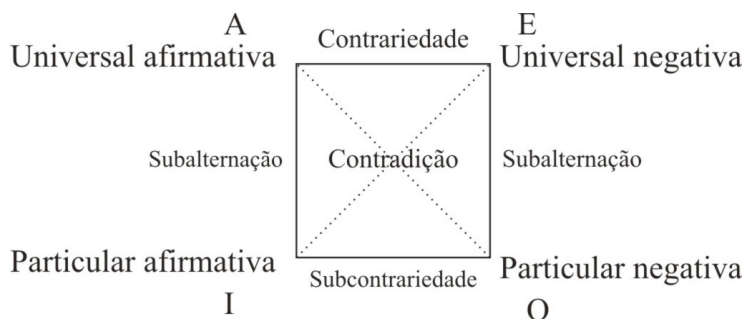
Essa questão da duração do signo pede um pequeno comentário sobre a questão da mutabilidade/imutabilidade do signo. Afinal o signo dura ou não dura? Primeiramente podemos dizer que para que exista língua é preciso que o signo dure. Não haveria língua se a cada enunciação um significante X se referisse sempre a significados diferentes (Y, Z, etc.). No entanto a língua e signo mudam. Mas, mudam sempre tendo como referência um sentido estável. Além disso, novos sentidos podem sempre ser acrescentados a um significante sem que o sentido primeiro se perca obrigatoriamente. Se pensarmos na questão dos lapsos, dos equívocos e da ironia podemos dizer que esses deslizamentos de sentidos, falhas e equívocos sempre se dão balizados pelo sistema linguístico estabelecido. Nesse sentido podemos dizer que a língua é que sustenta o real de *la langue*, ou seja: sem língua não há equívoco nem falha; é preciso um “modelo” em relação ao qual um dado enunciado falha. Afirma Milner: “A língua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco” (MILNER, 1987, p. 15).

A mudança se baseia numa estrutura anterior. Sem essa estrutura não há mudança, não há nada para mudar. Não é sem motivo que Saussure trata a questão mutabilidade/imutabilidade como um par: é que em matéria de língua esses termos andam juntos. Muitas das explicações que embasam a mutabilidade também são usadas por Saussure para tratar a imutabilidade (por ex. o próprio arbitrário do signo e a força da tradição).

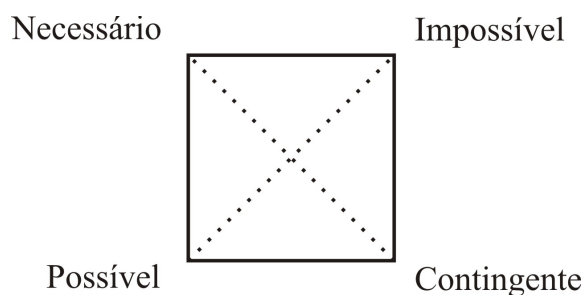
### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta sessão vamos sistematizar resumidamente o que foi dito aqui sobre o signo e as quatro modalidades aléticas da lógica aristotélica (possível, impossível, necessário e contingente).

Vamos então fazer uma leitura modal das concepções de signo abordadas aqui, o que permitirá um fechamento do quadro das oposições e de sua versão modal. O quadrado abaixo é o quadrado das oposições com seus cantos (ou vértices) e com as relações entre os cantos:



Abaixo, temos a versão modal do quadrado (DARRAULT, 1976; GREIMAS, 1976; COSTA, 1986).



Inicialmente podemos dizer que o tratamento do signo em Benveniste já aparece modalizado nesse autor, uma vez que ele propõe o signo como *necessário* (canto A da fig. 2). Como vimos anteriormente, além de o autor propor isso textualmente, toda sua argumentação refutando o arbitrário de Saussure tem o objetivo de sustentar sua visão do signo como necessário. Isso fica claro também nos comentários ao trabalho de Normand (2006) trazidos acima.

Para realizarmos uma leitura modal de Saussure, vamos relembrar o tratamento que demos aos termos decisivos de Saussure: arbitrário e imotivado. O signo é arbitrário e imotivado, afirma Saussure. Ora, afirmar que algo é arbitrário é afirmar que ele poderia ser outro, e outro e outro. Um significante X pode corresponder ao significado X, mas também poderia corresponder ao significado Y, Z e etc. Ou seja: nossa primeira leitura coloca o arbitrário saussuriano como correspondente a modalidade do *possível*. Já temos então uma segunda modalidade em jogo no tratamento do signo (e um segundo canto da fig. 2 (canto I)). Por sua vez o termo imotivado também pode ser lido pelo possível (há diversas possibilidades de ligação de um significante a um significado). No entanto imotivado significa sem motivo. Trata-se daquilo que existe sem nenhuma razão e só se justifica no aleatório do jogo de dados. Nesse sentido é que o signo é *contingente*.

Podemos lembrar que Saussure traz exemplos como os de “boi” e “irmã” para sustentar o arbitrário e o imotivado (que nós lemos pelo possível e pelo contingente). Não obstante, Benveniste usa os próprios exemplos de Saussure em sua argumentação contra o arbitrário e o imotivado (Lembremos Normand (2006) a base dessa crítica a Saussure é a não aceitação do contingente por Benveniste) e a favor do necessário.

O contingente se aproxima do possível no lance de dados. Supondo que um dado tenha seis lados, antes do lançamento todos os resultados são possíveis. O lado sorteado é puro acaso, puro contingente. Porém depois de lançado o resultado está dado e não volta atrás. Ou seja o lado sorteado se torna impossível. Do mesmo modo que dentro de uma dada língua é impossível o significante “árvore” não corresponda ao significado “árvore”.

Como dissemos, o signo é contingente, termo que se apresenta como o que pode ser ou pode não ser, motivo pelo qual a abordagem do signo pode ser feita através dos “possíveis mutuamente exclusivos”, próprios do lance de dados (nossa leitura da enunciação em Pêcheux). A atualização ou a exclusão de um significante para representar um significado é o motor constitutivo da linguagem entre o possível e o impossível. Se não fosse essa exclusão constitutiva, a linguagem não existiria.

Mesmo assim, outros sentidos podem ser atribuídos a um determinado significante. Mantendo o jogo de dados em cena, bastaria lançar os dados mais uma vez e acrescentar o novo resultado. A mutabilidade linguística também poderia ser lida como um novo lance de dados, porém nesse caso o significado novo se ligaria ao significante e o significado antigo se apagaria.

Apontamos que talvez seja possível realizar uma leitura radical do contingente onde nenhuma necessidade tenha lugar. Também seria possível fazer uma leitura radical do signo como necessário. No entanto para uma tentativa de fechamento do quadrado seria interessante verificar o papel de ambos (o contingente e o necessário)

O contingente é tratado aqui através de um lance de dados, puro acaso, que não tem história nem sentido, puro *Hazard*. Esta visão não é aceita por Benveniste, como vimos no tratamento dado pelo próprio autor, e nos comentários feitos por Normand. Além disso, o tratamento de Althusser sobre a concepção de Epicuro a respeito da formação do mundo é tratada aqui como modelo para a linguagem. A figura epicurista de uma chuva de átomos que cai no vazio até o evento do primeiro encontro de átomos, como evento completamente casual, sem sentido nem história, aponta para uma formação puramente contingente e

materialista do mundo. É assim que propomos aqui o arbitrário do signo e a formação da linguagem: o signo é arbitrário porque é fruto de um encontro casual e sem sentido. Por isso, é um encontro puramente contingente. Isso é o que significa dizer que é indiferente se é o significante X ou o Y que se fixa a um significado.

No entanto, após o primeiro encontro, o sistema transforma o arbitrário do signo (*contingente*) em relativamente motivado (movimento em direção ao *necessário*); daí se nota que o primeiro encontro tem consequências sobre os outros. É por isso que *vingt* é arbitrário e que *dix-neuf* é relativamente motivado.

A modalidade do impossível toca o signo e a língua na medida em que não se pode dizer tudo. A língua é constituída por uma falta. Milner (1987) retoma Lacan e afirma que o real da língua é o impossível, ou seja, o dizer pleno não existe.

Por isso, retomando nosso trabalho com o interdito (TFOUNI, 2008), propomos que há uma relação entre o interdito e o arbitrário do signo. A linguagem não é feita do “tudo dizer”, mas sim do meio dizer, do dizer-no-meio, do inter-dito.

Se fosse possível dizer tudo a primeira enunciação esgotaria o reino dos sentidos de modo que o “tudo dizer” seria a morte da enunciação, convertendo-se então no “nada dizer”. Para nós é preciso a intervenção de um corte que, impedindo que se diga tudo, permite que se diga alguma coisa. Nenhum signo pode dizer tudo, isso é condição para que o campo da linguagem permaneça aberto. Se algum significante ou enunciado dissesse tudo, a linguagem se esgotaria nessa primeira enunciação. Por isso é preciso um corte que impeça esse “dizer tudo”. Então o signo pode ser modalizado também pelo impossível.

Outra questão relativa ao interdito e ao impossível é que o corte saussuriano interdita que o signo linguístico seja tratado como uma nomenclatura, ou como se o signo fosse uma “palavra” que se ligasse a um objeto do mundo. Uma leitura do impossível do interdito de corte saussuriano seria, portanto a de que esse corte interdita no discurso da ciência da linguagem a ligação direta entre palavra e objeto.

Esse interdito não é uma mera proibição. Uma vez que o homem é um ser simbólico, ele é expulso da natureza, de modo que entre o homem e a natureza não há mais relação direta depois da entrada do homem no simbólico. Isso significa que a linguagem não recobre as coisas do mundo, ou seja: não existe relação termo-a-termo entre linguagem e mundo. Para nós Lacan fala disso quando fala do furo do real, ou melhor: do furo do real no simbólico. Como o simbólico não recobre o real, os significantes faltam, então, não se pode dizer tudo. Então interdito, através da modalidade do impossível, tem relação com o signo linguístico.

Vemos então que fizemos uma leitura que fecha o quadrado modal apresentado acima utilizando todas as quatro modalidades aléticas da lógica aristotélica (o impossível, o necessário, o possível e o contingente) na leitura do signo linguístico.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. *Crítica marxista*, n. 20, p. 9-48, 2005.
- BENVENISTE, E. A natureza do signo linguístico. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Ed. Pontes. 1991. p.53-59.
- COSTA, N. da. Entrevista. *Isso - dispensa freudiana*, Belo Horizonte, n.1, 1986.
- DARRAULT, I. Présentation. *Langages*, n.43, p.3-9, 1976.
- GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris: PUF. 1990.
- GREIMAS, A. J. Pour une théorie des modalités. *Langages*, n.43, p.47-63, 1976.
- LACAN, J. 1998. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 496-536.
- MILNER, J-CL. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

\_\_\_\_\_. *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996.

NORMAND, C. Saussure-benveniste. *Revista Letras*, n. 33, p. 13-2, 2006.

PÊCHEUX, M. *O discurso – estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 19. Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

TFOUNI, F. E. V. O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, p. 353-371, 2008.

***Recebido em 03/09/2013. Aprovado em 08/01/15.***